

**Contribuições para a lexicografia pedagógica
a partir de dados extraídos de livros didáticos**

Contributions to pedagogical lexicography through
data collected from didactic books

Larissa Moreira BRANGEL*

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS/BRASIL

RESUMO

O presente artigo contrasta dados linguísticos extraídos de cinco livros didáticos para trazer contribuições à Lexicografia Pedagógica. Tendo em vista que o PNLD orienta que o dicionário Tipo 2 deve cobrir o 2º, 3º, 4º e 5º ano do ensino fundamental, procuramos mostrar que essa homogeneidade linguística não é verificada nos livros didáticos. De acordo com os dados, o ideal é que o dicionário Tipo 2 seja voltado para o 4º e 5º ano. Além disso, os resultados indicaram que paráfrases explanatórias de dicionários Tipo 2 não deveriam ultrapassar 14 palavras. Os dados foram obtidos através da ferramenta computacional *Cob-Matrix-Port*.

PALAVRAS-CHAVE: Lexicografia Pedagógica. Paráfrase Explanatória. Livros Didáticos.

*Sobre a autora ver página 61.

ABSTRACT

This paper contrasts linguistic data obtained from five didactic books on Portuguese language in order to contribute to Pedagogical Lexicography. Bearing in mind that the most recent version of PNLD suggests that Type-2 dictionary should be used during the 2nd, 3rd, 4th and 5th years of elementary education, we point out that this linguistic homogeneity is not verified in didactic books. According to data, Type-2 dictionaries should be adopted during the 4th and 5th years of school life. Moreover, data also showed that an explanatory paraphrase of a Type-2 dictionary should not have more than 14 words. Data were obtained through the Cob-Matrix-Port computational tool.

KEYWORDS: *Pedagogical Lexicography. Explanatory Paraphrase. Didactic Books.*

1 Introdução

Dentre os estudos em Lexicografia, existe uma área preocupada em elaborar obras lexicográficas específicas para o processo de ensino-aprendizagem, satisfazendo, assim, os anseios dos estudantes e aprendizes de uma língua (cf. LANDAU, 2001; WELKER, 2004; ATKINS; RUNDELL, 2008). A área de estudos em questão recebe o nome de Lexicografia Pedagógica e é definida por Hartmann e James (2001, s.v. *pedagogical lexicography*) como “um conjunto de atividades voltado para o desenho, compilação, uso e avaliação dos dicionários pedagógicos”¹. Os dicionários pedagógicos são os produtos finais da Lexicografia Pedagógica e podem ser divididos em dois grandes grupos de acordo com o tipo de consulente ao qual se destinam, a saber, dicionários voltados para aprendizes de uma língua estrangeira e dicionários voltados para falantes em processo de aprendizagem formal de sua língua materna (FARIAS 2009, p. 17-18). Restringindo a discussão ao âmbito dos dicionários pedagógicos voltados para falantes nativos em solo brasileiro, nos encontramos diante dos dicionários escolares e sua importante função de auxiliar o ensino e a aprendizagem formal da língua portuguesa ao longo da educação escolar.

¹ “A complex of activities concerned with the design, compilation, use and evaluation of pedagogical dictionaries” – tradução nossa.

O ensino escolar da língua materna constitui uma tarefa de grande relevância aos indivíduos de uma sociedade. É neste período que os falantes aprendem a lidar com as estruturas formais da sua língua que, diferentemente de outras habilidades linguísticas, não são automaticamente desenvolvidas no processo de aquisição da linguagem. Por essa razão, os instrumentos utilizados em sala de aula devem desempenhar uma função essencialmente pedagógica, de modo a conduzirem o aluno em fase escolar ao conhecimento linguístico proposto (cf. PCN, 1997)². Da mesma forma, acreditamos que os instrumentos utilizados em diferentes etapas de ensino (livros didáticos e dicionários escolares, por exemplo) devem apresentar correspondências no que diz respeito à sua constituição linguística, tais como densidade vocabular, extensão dos enunciados, complexidade sintática das sentenças etc.; uma vez que essas obras devem respeitar os limites de cada etapa de escolarização dos seus usuários.

Levando em conta tais considerações, é objetivo geral do presente trabalho traçar uma relação entre livros didáticos de língua portuguesa utilizados no 1º e 2º ciclo do ensino fundamental (1º ao 5º ano)³ e os dicionários de língua portuguesa adotados no mesmo período. Essa relação será traçada a partir de dados linguísticos coletados de cinco livros didáticos de língua portuguesa, voltados para o 1º, 2º, 3º, 4º e 5º ano do ensino fundamental. Conforme será debatido a partir de agora, estudos recentes na área da Lexicografia Pedagógica nos levam a crer que os atuais materiais lexicográficos utilizados no 1º e 2º ciclo do ensino fundamental não parecem ser colocados em sincronia com a proposta pedagógica apresentada pelo MEC e com outros materiais didáticos utilizados em sala de aula nesse mesmo período, devendo, portanto, ser repensados. O objetivo mais específico do trabalho constitui em fixar padrões linguísticos a partir da extração de dados de livros didáticos, de modo a utilizar esses dados na elaboração de parâmetros que, ao nosso,

² Para maiores informações a respeito dos conteúdos programáticos desenvolvidos em sala de aula em cada etapa da idade escolar, consultar os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997).

³ Atualmente, a proposta do MEC para a educação básica é a de um ensino fundamental de nove anos, dividido em quatro ciclos: o 1º ciclo referente ao 1º, 2º e 3º ano do ensino fundamental, o 2º ciclo referente ao 4º e 5º ano, o 3º ciclo referente ao 6º e 7º ano, e o 4º ciclo referente ao 8º e 9º ano. Será sobre essa proposta curricular que teceremos nossas considerações.

ver, contribuirão para o aprimoramento dos dicionários escolares de língua portuguesa, voltados para o 1º e 2º ciclo do ensino fundamental.

1.1 A Lexicografia Pedagógica e os dicionários voltados para o 1º e 2º ciclo do ensino fundamental

Os debates em torno da Lexicografia Pedagógica, com especial atenção aos dicionários escolares, vêm ganhando cada vez mais espaço no cenário brasileiro (cf. DAMIN, 2005; DURÃO, 2011; KRIEGER, 2006; BUGUEÑO MIRANDA; FARIAS, 2009; FARIAS, 2009 e CARVALHO; BAGNO, 2011). Essa atenção se deve, em grande parte, à inclusão dos dicionários escolares ao Programa Nacional do Livro Didático (PNLD⁴), um programa do governo brasileiro que, desde 1996, avalia instrumentos que servem de apoio ao processo de ensino-aprendizagem e, desde 2002, avalia, também, dicionários escolares de língua portuguesa.

Em épocas anteriores ao PNLD Dicionários, as obras lexicográficas adotadas em sala de aula eram dicionários do tipo mini, geralmente inseridos nos programas pedagógicos por volta da 3ª série do ensino fundamental e utilizados até o final da vida escolar do aluno. Conforme aponta Rangel (2011, p. 45), o PNLD de 2006 constatou que a utilização desse tipo de obra lexicográfica resultava em um desuso generalizado por parte dos estudantes, principalmente dos estudantes dos primeiros anos do ensino fundamental, em razão da inadequação pedagógica dos minidicionários frente a consulentes em idade escolar. Diante dessas constatações, fez-se iminente a necessidade de se estabelecer novos parâmetros para a elaboração de dicionários escolares, culminando, assim, nas mudanças introduzidas pelo PNLD 2006.

A primeira conclusão advinda dos fatos acima é que os dicionários escolares, ao cumprirem funções específicas junto a um público específico, ou seja, auxiliar o ensino da língua materna a alunos do ensino fundamental e ensino médio, devem apresentar características diferentes dos dicionários do tipo mini ou do tipo geral, por exemplo. Essas últimas obras, por serem pensadas para um público adulto e já escolarizado,

⁴ http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=66&id=12391option=com_contentview=article

apresentam características que não vão ao encontro das necessidades de um público ainda em fase escolar⁵. Com o intuito de garantir a funcionalidade dos dicionários escolares frente ao seu público alvo, o MEC vem aprimorando a sua proposta para a concepção dessas obras lexicográficas nos sucessivos editais lançados pelo PNLD Dicionários. No edital mais recente, lançado em 2012, encontra-se a seguinte proposta lexicográfica para o ensino fundamental:

Quadro 1: Proposta lexicográfica para o ensino fundamental de acordo com o PNLD 2012

| Tipos de dicionários | Etapas de ensino |
|-----------------------------|------------------------------------|
| Tipo 1 | 1º ano do ensino fundamental |
| Tipo 2 | 2º ao 5º ano do ensino fundamental |
| Tipo 3 | 6º ao 9º ano do ensino fundamental |

A proposta acima, apesar de representar um avanço nas políticas públicas de educação em relação ao uso de dicionários em sala de aula, ainda é alvo de críticas por alguns educadores com formação em Lexicografia. O trabalho de Farias (2009), por exemplo, já preconizava a necessidade de um dicionário do tipo “intermediário” que se colocasse entre a fase inicial de escolarização dos alunos (1º ciclo), período em que ocorre o processo de alfabetização, e a fase em que esses alunos já se encontram com o domínio da escrita e da leitura consolidado (2º ciclo em diante). Em um estudo posterior, Pires (2012) comprova que os dicionários de Tipo 1 deveriam restringir suas informações a dois segmentos informativos, a saber, a forma ortográfica da palavra e a sua separação silábica, uma vez que os anseios de alunos em séries iniciais correspondem, basicamente, à confirmação das hipóteses ortográficas dessas crianças. Além disso, levando em conta que a fase de alfabetização dos alunos não se restringe ao 1º ano do ensino fundamental, Pires (2012) também propõe que os dicionários de Tipo 1 não sejam restritos apenas a esse ano, mas a todo o 1º ciclo do ensino fundamental. Com base nos argumentos apresentados pelos dois trabalhos supracitados, é possível pensar em uma outra proposta lexicográfica para o ensino fundamental:

⁵ Farias (2009, p. 41), por exemplo, define o dicionário escolar como uma obra seletiva e *sinsitêmica* em relação às suas características linguísticas. Segundo a autora, o dicionário escolar é *seletivo* porque não contempla o vocabulário desusado ou de baixa frequência e *sinsitêmico* porque representa uma norma ideal da língua.

Quadro 2: Proposta lexicográfica para o ensino fundamental defendida no presente trabalho

| Tipos de dicionários | Etapas de ensino |
|-----------------------------|------------------------------------|
| Tipo 1 | 1º ao 3º ano do ensino fundamental |
| Tipo 2 | 4º e 5º ano do ensino fundamental |
| Tipo 3 | 6º ao 9º ano do ensino fundamental |

Nessa nova proposta, o dicionário de Tipo 2 assumiria o papel de “dicionário intermediário” sugerido por Farias (2009, p. 47). No presente trabalho, procuraremos, através da extração de dados linguísticos de cinco livros didáticos voltados para o 1º e 2º ciclo do ensino fundamental, comprovar que existem dois momentos demarcados nos cinco primeiros anos da educação básica. Ao primeiro momento, corresponde uma fase de alfabetização, voltada para o ensino e fixação do português escrito. Ao segundo momento, corresponde a fase na qual a linguagem escrita já está fixada, sendo possível ao aluno ler e interpretar textos mais complexos que os oferecidos nos três primeiros anos.

Tendo em vista que os dicionários pedagógicos devem ser colocados como instrumentos de apoio aos livros didáticos, respeitando, assim, as diferentes fases do ensino da língua portuguesa, procuraremos, através de uma análise empírica, fundamentar a proposta lexicográfica apresentada no quadro 2. Esse movimento corresponde à primeira contribuição que pretendemos fornecer à Lexicografia Pedagógica brasileira a partir dos resultados coletados. A segunda contribuição, de outra natureza, está relacionada com paráfrases explanatórias oferecidas pelos dicionários de tipo 2, que discutiremos a partir de agora.

1.2 As paráfrases explanatórias e os dicionários pedagógicos

De acordo com Jackson (2002, p.86), toda a obra lexicográfica cumpre, essencialmente, dois propósitos: o de fornecer ao consulente a ortografia correta das palavras e o de informá-lo o significado das mesmas. Se, por um lado, o conhecimento da ortografia das palavras ocorre através da leitura do comentário de forma dos vocábulos lematizados, por outro, o conhecimento do significado dessas palavras ocorre, fundamentalmente,

através da leitura do comentário semântico⁶, cujo elemento principal é, indubitavelmente, a paráfrase explanatória (FARIAS, 2012).

Conforme é exposto por Brangel e Bugueño Miranda (2012), a geração de paráfrases explanatórias em dicionários voltados para fases iniciais de alfabetização (dicionários de Tipo 1 e dicionários de Tipo 2, segundo a proposta lexicográfica oferecida pelo MEC) representa um verdadeiro desafio ao lexicógrafo, uma vez que este lexicógrafo, além de enfrentar os problemas usuais intrínsecos ao ato definir, deve, também, fazê-lo com vista a um público em estágios bastante iniciais do domínio do português escrito. Dessa maneira, falar sobre uma proposta teórica para a geração de paráfrases explanatórias para dicionários voltados para os primeiros anos do ensino fundamental requer algumas considerações específicas.

De acordo com Bugueño Miranda (2009), uma teoria da definição lexicográfica deve contar com o cruzamento de três variáveis: uma taxonomia de paráfrases explanatórias, uma teoria semântica e um *pattern* sintático. Segundo o autor, a escolha por uma taxonomia de paráfrases explanatórias permite que se estabeleça uma correlação entre os modelos parafrásticos e as particularidades da entidade a ser definida; a adoção de uma teoria semântica permite calcular a quantidade e o tipo de informação oferecido na paráfrase; e o estabelecimento de um *pattern* sintático permite propor uma formulação sintagmática para a paráfrase, ou seja, uma sintaxe da definição. Ainda que esse modelo apresente grandes possibilidades de gerar bons resultados, uma vez que aborda o fenômeno da definição lexicográfica sob diversos vieses, e não de maneira parcial, como o próprio autor enfatiza, acreditamos que a sua aplicação voltada para a geração de paráfrases em um dicionário de Tipo 2 requer, ainda, a inserção de uma subvariável relativa à extensão das paráfrases.

⁶ Utilizando-se da terminologia proposta por Seco (2003), Bugueño Miranda (2009) divide as informações microestruturais como informações de “primeiro enunciado”, que correspondem ao signo linguístico como significante, e as informações de “segundo enunciado”, que correspondem ao signo linguístico como significado. Essas reflexões servem para ilustrar a proposta apresentada por Wiegand (1989 apud BUGUEÑO MIRANDA, 2009) sobre dois conjuntos de informações encontrados dentro dos verbetes, que recebem o nome de comentário de forma e comentário semântico. Hartmann e James (2001, s.v. *comment*) apontam informações referentes à ortografia, à gramática e à pronúncia como pertencentes ao comentário de forma, enquanto a definição, a etimologia e as marcas de uso fariam parte do comentário semântico.

Tendo em vista o estágio inicial de aprendizagem que os consulentes dos dicionários de Tipo 2 se encontram (4º e 5º ano, de acordo com nossa proposta), é essencial que pensemos em paráfrases explanatórias que, além de apresentarem uma sintaxe mais simplificada, que é um aspecto referente ao *pattern* sintático no modelo de Bugueño Miranda (2009), apresentem, também, um número controlado de palavras. Acreditamos que essa particularidade corresponda a uma característica complementar, porém subalterna, ao *pattern* sintático, por isso optamos por chamá-la de subvariável.

Dessa forma, o segundo objetivo específico da pesquisa, após fundamentar empiricamente uma proposta lexicográfica que coloca o dicionário de Tipo 2 como um instrumento voltado para o 4º e 5º ano do ensino fundamental, é consolidar, através de uma análise quantitativa, a extensão do enunciado de uma paráfrase explanatória em um dicionário de Tipo 2.

A metodologia empregada constitui-se na análise computacional de textos extraídos de livros didáticos voltados para o 4º e 5º ano do ensino fundamental. A partir da compilação de um *corpus* alimentado com esses textos, procurou-se chegar a um número médio de palavras por sentenças. Assim, com base na média geral de palavras por sentença, extraídas de textos de livros didáticos voltados para o 4º e 5º ano do ensino fundamental, pretende-se chegar ao número médio de palavras por sentença que uma paráfrase explanatória voltada para alunos desse mesmo período escolar deveria apresentar.

2 Método

Para a realização da pesquisa, foram digitalizadas as cinquenta primeiras páginas de cinco livros didáticos de língua portuguesa (CARPANEDA; BRAGANÇA, 2007a, 2007b, 2008; 2011a, 2011b). As cinco obras selecionadas correspondem à coleção *Porta Aberta*, voltada para o 1º, 2º, 3º, 4º e 5º ano do ensino fundamental, utilizada em aulas de língua portuguesa de escolas de Porto Alegre.

Após a digitalização dos cinco corpora em arquivos separados, conduziu-se a análise de cada um deles através da ferramenta computacional para análise linguística *Cob-Matrix-Port*⁷. Segundo os criadores do *Cob-Matrix-Port*, que é uma adaptação para o português da ferramenta *Cob-Matrix*, desenvolvida na Universidade de Memphis, o propósito da ferramenta é calcular índices que avaliam a coesão, a coerência e a dificuldade de compreensão de um texto, sendo esses índices expressos em métricas. Dentre as 34 métricas oferecidas pelo *Cob-Matrix-Port*, selecionamos as métricas correspondentes ao número total de palavras, número de sentenças e quantidade de palavras por sentença para o desenvolvimento da presente pesquisa.

3 Resultados

A tabela abaixo sumariza os dados coletados pela ferramenta *Cob-Matrix-Port*.

Tabela 1: Dados coletados através da ferramenta *Cob-Matrix-Port*

| | Porta Aberta 1º ano | Porta Aberta 2º ano | Porta Aberta 3º ano | Porta Aberta 4º ano | Porta Aberta 5º ano |
|------------------------------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|
| Número de palavras | 2014 | 2604 | 3961 | 5612 | 5827 |
| Número de sentenças | 335 | 452 | 689 | 741 | 869 |
| Palavras por sentença | 6,011 | 5,761 | 5,748 | 7,573 | 6,705 |

Conforme presumíamos, as métricas referentes ao número de palavras e ao número de sentenças dos corpora analisados apontam para diferenças significativas no que diz respeito ao aumento da quantidade de palavras e de sentenças dos livros no avançar das etapas de ensino dos cinco primeiros anos do ensino fundamental. A tabela acima permite inferir que tanto o número de palavras como o número de sentenças ascende de maneira gradual nos materiais didáticos analisados.

Em relação ao número de palavras, é interessante observar que as métricas referentes ao 1º e ao 2º ano do ensino fundamental são bastante

⁷ Disponível em <http://www.nilc.icmc.usp.br:3000/>

próximas, sendo que no 3º ano existe uma pequena variação. A variação mais significativa, no entanto, ocorre no 4º e 5º ano, período no qual o aluno é exposto a uma quantidade bem maior de linguagem escrita. Essa diferença, representada quantitativamente, pode ser verificada, também, em uma análise qualitativa dos materiais didáticos selecionados. Ao se consultar os materiais, é possível verificar que os três primeiros livros didáticos da coleção *Porta Aberta*, voltados para o 1º, 2º e 3º ano do ensino fundamental, oferecem aos alunos textos bastante simplificados (geralmente canções de ninar, cantigas de roda e versos, por exemplo), além de enfatizarem o aprendizado do alfabeto e o treino da caligrafia. Ao que tudo indica, trata-se de um período dedicado à alfabetização dos alunos, sendo a fixação das regras mais básicas da linguagem escrita (tais como a ortografia das palavras, o uso de maiúsculas e minúsculas e a diferença entre letra cursiva e letra de forma) o principal enfoque destes livros.

Em contrapartida, os livros voltados para o 4º e 5º ano do ensino fundamental apresentam características bem divergentes de seus antecessores. Conforme pode ser inferido na tabela 1, os materiais didáticos utilizados no 2º ciclo do ensino fundamental se diferenciam dos demais materiais analisados por apresentarem uma quantidade maior tanto de palavras como de sentenças.

Assim como ocorreu com os livros voltados para o 1º, 2º e 3º ano, a avaliação quantitativa dos livros para o 4º e 5º ano fornecida pela ferramenta *Cob-Matrix-Port* vai ao encontro de nossa avaliação qualitativa. Ao se analisar esses dois materiais didáticos e compará-los aos três materiais que os antecedem, é possível identificar o que poderíamos chamar de uma “nova fase” do estudo da língua materna. Essa nova etapa se diferencia, principalmente, pela iniciação do estudante à leitura de textos mais complexos do que os oferecidos anteriormente e pelo abandono de atividades relacionadas ao período de alfabetização, tais como a ênfase no ensino do alfabeto. Os textos apresentados por esses dois materiais didáticos não constituem mais cantigas e parlendas, como em outro momento, e dão espaço para textos de outra natureza, tais como crônicas e artigos jornalísticos, o que acarreta em uma estrutura textual mais complexa e um aumento no número de palavra, sentenças e extensão das sentenças. O gráfico abaixo ilustra a progressão por ora descrita:

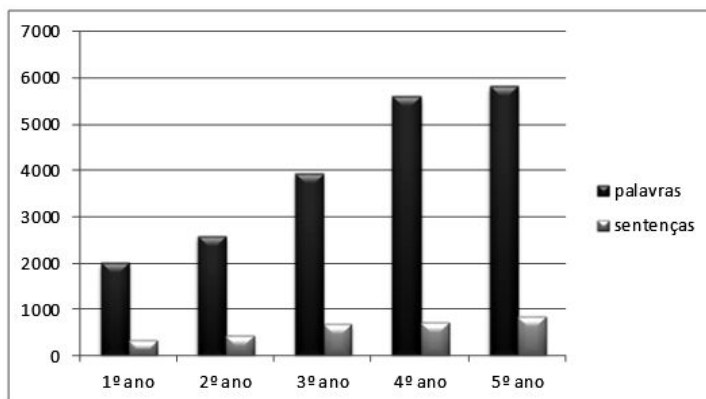


Gráfico 1: Diferença na quantidade de palavras e sentenças em livros didáticos de língua portuguesa voltados para o 1º, 2º, 3º, 4º e 5º ano do ensino fundamental

Os resultados da análise conduzida pela ferramenta *Cob-Matrix-Port* deixam transparecer que o período referente aos cinco primeiros anos do ensino fundamental se encontra demarcado por dois momentos distintos: o primeiro relacionado ao que poderíamos chamar de “período de alfabetização”, que compreende o 1º, o 2º e o 3º ano do ensino fundamental, e o segundo relacionado a um momento em que o aluno já possui o domínio da língua escrita, compreendido entre o 4º e 5º ano.

Partindo do fato de que as obras lexicográficas escolares de língua portuguesa se colocam como materiais auxiliares ao ensino da língua materna e que devem acompanhar a progressão escolar dos alunos, da mesma forma que os outros materiais didáticos utilizados em sala de aula, é possível inferir, pelos resultados do gráfico 1, a necessidade de elaboração de obras lexicográficas específicas para os dois momentos que marcam os cinco primeiros anos do ensino fundamental. Os resultados, portanto, se colocam em consonância com a proposta lexicográfica apresentada pelo quadro 2, que encontra suas bases em trabalhos como o de Farias (2009) e Pires (2012), nos quais se sugere que um dicionário de Tipo 2 deve ser voltado para o 2º ciclo do ensino fundamental, caracterizando-se como um dicionário do tipo intermediário.

Restringindo a discussão às paráfrases explanatórias do dicionário de Tipo 2, buscamos encontrar na métrica “palavras por sentença” um

parâmetro para a consolidação da extensão do enunciado de paráfrases explanatórias desse tipo de dicionário. Levando em conta que os dicionários utilizados em sala de aula servem como instrumentos de apoio ao processo de ensino e de aprendizagem, e que devem estar em consonância com os outros materiais didáticos utilizados (tais como livros didáticos), buscamos, nos textos dos livros *Porta Aberta* voltados para o 4º e 5º ano, estabelecer o número de palavras por sentença em uma frase voltada para os alunos que cursam o 2º ciclo do ensino fundamental. Nossa principal meta é transpor esse padrão para o plano das paráfrases explanatórias de dicionários de Tipo 2, instaurando, assim, uma relação no nível da extensão do enunciado entre os materiais escritos utilizados no período escolar em questão.

Nesse sentido, procuramos, através da ferramenta *Cob-Matrix-Port*, estabelecer o número médio de palavras por sentença em livros didáticos voltados para o 4º e 5º ano do ensino fundamental e, assim, chegarmos ao que seria extensão ideal de um enunciado voltado para o público que se encontra nessa etapa de ensino. O primeiro resultado obtido (apresentado na tabela 1), no entanto, se mostrou pouco satisfatório, uma vez que indicou um número muito baixo de palavras por sentença, além de não apresentar variação numérica significativa entre os cinco primeiros anos do ensino fundamental: 1º ano - 6,011 / 2º ano - 5,761 / 3º ano - 5,748 / 4º ano - 7,573 / 5º ano - 6,705.

A análise dos corpora utilizados nos levou a constatar que os mesmos não estavam compilados de maneira adequada para esse segundo propósito. Ao digitalizar as cinquenta primeiras páginas dos livros didáticos, incorporamos aos corpora toda e qualquer informação escrita oferecida por esses livros, que vão desde textos integrais (tais como letras de música, crônicas e entrevistas) até sentenças isoladas, como títulos de seções e exercícios para fixação dos conteúdos. Essas sentenças isoladas causaram alterações na métrica “palavra por sentenças”, uma vez que, por serem muito numerosas e, muitas vezes, apresentarem-se sob a forma de enunciados de poucas palavras (tais como “leia”, “responda”, “estudo do texto”, “só para lembrar” etc.), impossibilitaram um cálculo

que distinga a extensão dos enunciados dos textos sob análise.

Para contornar esse impasse optamos pela compilação de novos corpora, dos quais extraímos as sentenças isoladas e deixamos apenas os textos integrais, ou seja, textos fornecidos para as atividades de leitura e interpretação (poemas, letras de música, entrevistas etc.). A compilação desses novos corpora permitiu: 1) observar que existe uma variação significativa referente ao número de palavras por sentença entre os cinco materiais didáticos sob análise e 2) estipular um padrão para a extensão de um enunciado voltado para alunos do 2º ciclo do ensino fundamental. A tabela abaixo apresenta os resultados obtidos:

Tabela 2: Número de palavras por sentenças de acordo com a análise realizada no corpus 2

| | Porta Aberta 1º ano | Porta Aberta 2º ano | Porta Aberta 3º ano | Porta Aberta 4º ano | Porta Aberta 5º ano |
|---|--------------------------------|--------------------------------|--------------------------------|--------------------------------|--------------------------------|
| Palavras por sentença (Corpus 2) | 7,859 | 6,769 | 8,685 | 13,658 | 14,298 |

Conforme pode ser inferido, a análise da segunda amostragem de corpora evidencia uma diferença na extensão das sentenças no avançar das etapas de ensino do 1º e 2º ciclo do ensino fundamental. Assim como foi possível observar em relação ao número de palavras e ao número de sentenças, a quantidade de palavras por sentença também apresenta uma ascensão gradual em função da progressão curricular do aluno, demonstrando que o aluno, além de estar submetido a uma quantidade maior de palavras e de sentenças a cada novo material didático, também se depara com enunciados que aumentam gradativamente a cada novo ano.

Se compararmos as métricas “palavras por sentença” referentes aos materiais didáticos voltados para o 2º e 5º ano, é possível perceber uma notável diferença de valores. Conforme a ferramenta *Cob-Matrix-Port* indicou, o tamanho médio de uma sentença em um livro voltado para o 2º ano do ensino fundamental é de 6 a 7 palavras (6,769), ao passo que uma sentença voltada para o 5º ano apresenta uma extensão média de 14 palavras (14,298). No período compreendido entre essas duas etapas, a sentença praticamente dobra de tamanho. Essa informação

permite-nos questionar a eficácia de uma obra lexicográfica voltada para esses quatro anos de ensino, conforme recomenda a atual proposta lexicográfica apresentada pelo MEC. Além disso, é possível observar que as métricas referentes ao 1º, 2º e 3º anos são muito próximas (7,859, 6,769 e 8,685), o que aponta, mais uma vez, para a necessidade de criação de obras lexicográficas específicas para os três primeiros anos do ensino fundamental, e não apenas para o 1º ano. A variação no número de palavras por sentença nos livros didáticos analisados é ilustrada pelo gráfico abaixo:



Gráfico 1: Diferença na quantidade de palavras e sentenças em livros didáticos de língua portuguesa voltados para o 1º, 2º, 3º, 4º e 5º ano do ensino fundamental

O gráfico 2 evidencia dois momentos diferentes nos cinco primeiros anos do ensino fundamental no que diz respeito à extensão das frases contidas nos livros didáticos. Conforme fica explícito nos gráficos apresentados, existe um aumento na quantidade de palavras e de sentenças oferecidas pelos materiais didáticos (gráfico 1), além de um aumento na extensão das sentenças (gráfico 2). Nesse período, de acordo com os resultados por ora obtidos, os alunos se encontram expostos a sentenças que apresentam uma média de 13 a 14 palavras (13,658 no 4º ano e 14,298 no 5º ano). Assim, através das métricas oferecidas pela ferramenta *Cob-Matrix-Port*, foi possível estipular que a extensão de uma paráfrase explanatória de um dicionário Tipo 2 deveria corresponder a uma média de 14 palavras.

4 Conclusões

O presente estudo possibilitou o levantamento de dados relativos à quantidade de palavras e de sentenças oferecidas por livros didáticos de português ao longo dos cinco primeiros anos do ensino fundamental. Tendo em vista que as obras lexicográficas escolares devem se posicionar como instrumentos pedagógicos auxiliares ao ensino da língua materna, constituindo objetos de apoio aos livros didáticos, foi pressuposto, no início do trabalho, que essas obras devem, então, apresentar características linguísticas semelhantes aos livros didáticos aos quais correspondem. Neste trabalho, procuramos enfatizar aspectos referentes à extensão dos enunciados e à quantidade de palavras e sentenças oferecidas pelos livros didáticos no transcorrer dos cinco primeiros anos da educação básica. A partir desses dados, procuramos 1) confirmar a ideia de que o dicionário de Tipo 2 deveria ser um instrumento voltado para o 4º e 5º ano do ensino fundamental e 2) propor um padrão lexicométrico relativo à extensão das paráfrases explanatórias desses dicionários de Tipo 2.

Em relação ao lugar do dicionário de Tipo 2 dentro de uma classificação de dicionários, os dados coletados nos levaram a crer que os cinco primeiros anos do ensino fundamental se encontram demarcados por dois momentos distintos: um primeiro momento, que pode ser visto como uma fase de alfabetização (1º ao 3º ano, correspondente ao 1º ciclo), e um segundo momento, marcado pela consolidação do domínio da língua escrita (4º e 5º ano, correspondente ao 2º ciclo). Essa conclusão pôde ser inferida a partir da análise quantitativa dos materiais didáticos, que demonstrou um acréscimo significativo na quantidade de palavras por frase nos textos extraídos dos livros voltados para o 4º e 5º ano, além de um aumento na quantidade total de palavras e de sentenças. A conclusão pôde ser inferida, também, na análise qualitativa dos livros, na qual observamos a diferença do tipo de texto oferecido (crônicas, artigos jornalísticos, entrevistas etc.) na etapa escolar correspondente ao 4º e 5º ano (em detrimento de parlendas e cantigas de roda, por exemplo, nos livros referentes aos 1º, 2º e 3º anos). Diante desses resultados, fomos

levados a confirmar a hipótese preconizada por Farias (2009) e Pires (2012) de que uma proposta lexicográfica mais adequada ao programa atualmente desenvolvido no ensino fundamental deveria contar com um dicionário de Tipo 1, voltado para o 1º ciclo do ensino fundamental, e um dicionário de Tipo 2, voltado para o 2º ciclo do ensino fundamental.

Tendo fixado essa proposta lexicográfica, procurou-se, então, estabelecer um parâmetro relativo à extensão das paráfrases explanatórias constantes nos dicionários de Tipo 2. Apesar de partimos da proposta de Bugueño Miranda (2009), que diz que uma teoria da definição lexicográfica deve estar alicerçada em três variáveis (uma taxonomia de paráfrases explanatórias, um *pattern* sintático e um modelo semântico), acreditamos que, quando o objeto de estudo corresponde a dicionários voltados para séries iniciais do ensino básico (caso no qual o dicionário de Tipo 2 se insere), um axioma extra deve ser levado em conta. Esse axioma está relacionado ao tamanho da paráfrase. Tendo em vista que consulentes de dicionários de Tipo 2 se encontram em estágios bastante iniciais do domínio da língua escrita, uma vez que acabaram de sair da fase de alfabetização, o número de palavras contidas em uma paráfrase explanatória voltada para esse público deve ser controlado. Assim, tomando como medida a extensão dos enunciados retirados dos materiais didáticos voltados para o 4º e 5º ano, chegamos a uma extensão de 14 palavras por sentença. Os resultados nos levam a concluir, portanto, que as paráfrases explanatórias de um dicionário de Tipo 2 não deveriam ultrapassar a média de 14 palavras por sentença.

O presente trabalho representa um esforço em contribuir para o avanço dos estudos lexicográficos em território brasileiro (em especial, da Lexicografia Pedagógica). Por se inserir em um estudo de natureza maior, que tem por objetivo propor um modelo teórico para a geração de paráfrases explanatórias para dicionários de Tipo 2, a discussão por ora apresentada confere ao trabalho uma característica prospectiva, uma vez que fornece elementos essenciais para que um objetivo maior seja alcançado. Acreditamos que somente assim, através da geração de modelos teóricos fundamentados em discussões do âmbito da

Lexicografia e do ensino e aprendizagem da língua materna, é que será possível a compilação de obras lexicográficas de excelência para uso em sala de aula.

REFERÊNCIAS

- ATKINS, B.T.S.; RUNDELL, M. **The Oxford Guide to Practical Lexicography**. New York: Oxford University Press, 2008.
- BAGNO, M. Dicionários, variação linguística & ensino. In: CARVALHO, O. L. S.; BAGNO, M. (Org.) **Dicionários escolares: políticas, formas e usos**. São Paulo: Parábola, 2011. p.119-140
- BRANGEL, L. M.; BUGUEÑO MIRANDA, F. V. Avaliação de paráfrases explanatórias de dicionários voltados para alunos em etapas iniciais de alfabetização. In: **Anais do I simpósio Internacional de Lexicografia e Linguística Contrastiva**. Florianópolis, p. 22-37, 2012.
- BUGUEÑO MIRANDA, F. Para uma taxonomia de paráfrases explanatórias. **Alfa**, São Paulo, v. 53, p. 243-260, 2009.
- BUGUEÑO MIRANDA, F.; FARIAS, V. S. Panorama crítico dos dicionários escolares brasileiros. **Lusorama**, n. 77-78, p. 29-78, 2009.
- CARPANEDA, I.; BRAGANÇA, A. **Porta Aberta: Língua Portuguesa**, 2º ano. São Paulo: FTD, 2007a.
- CARPANEDA, I.; BRAGANÇA, A. **Porta Aberta: Língua Portuguesa**, 3º ano. São Paulo: FTD, 2007b.
- CARPANEDA, I.; BRAGANÇA, A. **Porta Aberta: Língua Portuguesa**, 1º ano. São Paulo: FTD, 2008.
- CARPANEDA, I.; BRAGANÇA, A. **Porta Aberta: Língua Portuguesa**, 4º ano. São Paulo: FTD, 2011a.
- CARPANEDA, I.; BRAGANÇA, A. **Porta Aberta: Língua Portuguesa**, 5º ano. São Paulo: FTD, 2011b.
- CARVALHO, O. L. S.; BAGNO, M. (Org.) **Dicionários escolares: políticas, formas e usos**. São Paulo: Parábola editorial, 2011.

DAMIM, C. P. **Parâmetros para uma avaliação do dicionário escolar**. 233f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, 2005.

DURÃO, A. B. de A. B. (Org.) **Vendo o dicionário com outros olhos**. Londrina: UEL, 2011.

FARIAS, V. S. **Desenho de um dicionário escolar de língua portuguesa**. 2009 285f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre.

FARIAS, V. S. Aplicação da semântica das condições de verdade à redação das definições nos dicionários semasiológicos. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 12, p. 181-204, 2012.

HARTMANN, R. R. K; JAMES, G. **Dictionary of lexicography**. London/ New York: Routledge, 2001.

JACKSON, H. **Lexicography: an introduction**. London: Routledge, 2002.

KRIEGER, M. da G. Políticas públicas e dicionários para escola: o Programa Nacional do Livro Didático e seu impacto sobre a lexicografia didática. **Cadernos de tradução**. Florianópolis: UFSC, n. 18, p. 235-252, 2006.

LANDAU, S. **Dictionaries: the art and craft of lexicography**. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

PCN. BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa. Ensino de primeira à quarta série**. Brasília: Secretaria da Educação Fundamental, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf> Acesso em: 10.09.2012.

PIRES, J. A. **Contribuições para dicionários escolares destinados às séries iniciais**. 2012. 150f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre.

RANGEL, E. de O. Dicionários escolares e políticas públicas em educação: a relevância da “proposta lexicográfica?”. In: CARVALHO, O. L. S.; BAGNO, M. (Org.) **Dicionários escolares: políticas, formas e usos**. São Paulo: Parábola, 2011. p. 37-60.

SECO, M. **Estudios de lexicografía española**. Madrid: Paraninfo, 1987.

WELKER, H. A. **Dicionários**. Uma pequena introdução à lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.

*Recebido em março de 2013.
Aprovado em outubro de 2013.*

SOBRE A AUTORA

Larissa Moreira Brangel é mestre em Teorias Linguísticas do Léxico pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e, atualmente, doutoranda pela mesma linha de pesquisa e mesmo programa de pós-graduação. Possui experiência na área de Linguística, com ênfase em Estudos do Léxico, atuando principalmente nos seguintes temas: Lexicografia e Terminologia e suas possíveis interfaces com a Semântica Cognitiva.

E-mail: larissabrangel@gmail.com